

WILL SOARES

A

MORADA

DO

MAL



**A
MORADA
DO
MAL**

Por Will Soares

*À minha família,
Por suportar minha ausência.
Will Soares*

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real, terá sido mera coincidência

Introdução

Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas, nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite.

Clarice Lispector

Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz.

Platão

1

– Uhum – confirma o investigador de bigodes fartos enquanto anota, em um velho bloco de papel, o relato do pescador que acaba de conhecer na manhã ensolarada de Xochimilco. O homem da lei já está saturado com as explicações minuciosas de como o sujeito, um homem muito humilde e pouco instruído, se arrumou e deu um beijo em seus filhos, antes de sair de casa. Esperava descobrir, a qualquer momento, como ele trepou com sua esposa. Felizmente foi poupado.

– Então policial, com minhas coisas de pesca, o senhor sabe, a rede, a vara... – O investigador interrompe o pescador, sem paciência alguma.

– Por favor, senhor. Temos um crime bárbaro aqui e não temos tanto tempo como gostaríamos para resolver esse caso...

– Mas policial...

– Investigador... – Corrige com arrogância, o investigador Ramirez, o primeiro a chegar ao lugar, abdicando de sua folga para colher aquele que deveria ser um depoimento breve. – Prossiga senhor...

– Então poli... – O pescador faz uma breve pausa e pigarreia, para se corrigir da gafe que estava cometendo. – *Investigador*, eu peguei meu equipamento e fui para meu barco como faço todos os dias. Fui rezando pelo caminho, sabe. Rezando para que não encontrasse nada de estranho pelo caminho e para que Nossa Senhora de Lurdes abençoe essa pescaria. Naveguei mais ou menos uma hora, mas não pesquei nada, sabe. Parecia que o canal não estava querendo me dar nada hoje. Eu fiquei desesperado, sabe. Pescar é a única coisa que sei fazer e minha família depende disso. O senhor sabe, Maria, o... – O homem se detém, vendo a irritação de Ramirez. – Então resolvi ir para a área dos lírios, na parte baixa.

O policial parou de escrever e olhou por cima dos óculos escuros. Seu extravagante bigode se agitou, quando tamborilou as bochechas, assimilando o que o homem acabara de relatar.

– O senhor costuma andar muito por aquelas águas? – A área era conhecida pelo desaparecimento de inúmeras pessoas.

– Eu?! – O homem rebate como se aquela pergunta fosse a mais absurda do mundo, tal qual: *Você matou seu irmão? Ou Você já viu seus pais transando?* – *Investigador*, aquelas águas não devem ser navegadas por ninguém. Há uma grande maldição ali! O senhor não sabe?

– Já ouvi falar... – Responde com imenso desdém.

– Então o senhor sabe do grande mal que mora naquele lugar. Não só um, mas dois. – O tom de voz do homem lembra muito os antigos contadores de histórias. – Eu fui pescar com medo, sabe. Mas, apesar de tudo, lá tem muitos peixes.

– E não tem medo de comer os peixes? Podem estar amaldiçoados... – Ironiza o investigador.

– Claro que não! Eu levo isso comigo. – O homem coloca a mão em um dos bolsos e retira um pequeno frasco com um líquido incolor dentro. – Essa água foi benzida pelo Papa Francisco em pessoa! Ela me protege e me abençoa! Por isso voltei bem. A pesca foi boa. Poderia ter sido melhor, mas as árvores sopravam e se agitavam muito, o rio assoviava e os peixes foram sumindo. Era hora de ir embora.

Aquilo soava como um devaneio para o investigador. Parecia que estava diante de um louco foragido do Sanatório San Felipe, que foi a única testemunha de um terrível crime.

– E quando o senhor achou os garotos? – O investigador se preparou para anotar os detalhes com ímpeto.

– Bom, eu estava voltando, sabe. Eu tento não chegar perto da ilha, mas não tem como passar muito longe dela, naquelas águas. Elas nos levam até lá de algum jeito. Eu vi um barco parado no rio, preso entre galhos de árvores e me aproximei.

– A popa do barco apontava para a ilha? – Questiona o investigador, com sagacidade.

– Sim, mas não sei se veio de lá. Eu estranhei, porque a correnteza leva qualquer barco para o lado da ilha. Mesmo assim fui lá ver... – O investigador interrompe o pescador novamente.

– Senhor, quero que me fale exatamente o que viu. Isso é muito importante para que possamos seguir com as investigações. Prossiga por favor.

O homem toma fôlego e continua a história.

– Eu me aproximei do barco. Ao longe, senti um cheiro podre vindo daquela direção, mas achei que poderia ser de algum animal morto. Isso acontece o tempo todo por ali. Me enganei. O cheiro vinha deles. Estavam os três mijados e cagados naquele barco. Havia sangue no fundo, eles estavam muito machucados e dois deles sangravam. Estavam apagados, mas ainda respiravam.

Ramirez se surpreende.

– Como assim “respiravam”?

– Eles estão vivos! O senhor já os viu?

– A equipe de resgate chegou rápido, então... – Ramirez para por alguns instantes e olha para o barco. Os garotos estavam vivos e ele nem se deu conta. A morte realmente se tornou banal. Observa o

cuidado no tratamento com os garotos. Logo depois, volta a tomar nota. – Prossiga.

– Eu não podia deixar eles lá. Por isso amarrei uma corda no barco e o reboquei até aqui, onde chamei a polícia e o senhor veio...

– O homem tinha lágrimas nos olhos. – Pobres garotos. Foram pegos pela maldição do rio.

– Temo que nosso problema não seja tão molhado quanto pensamos. – O detetive sorri. Era para ter sido engraçado.

O pescador não entende a piada e o investigador não esperava que ele entendesse mesmo.

– Muito obrigado. Qualquer coisa entre em contato. – Ele estende a mão e lhe oferece um cartão, onde estava seu nome e um número de celular. Logo depois, vai de encontro à ambulância, onde estão os garotos. A cena o devasta. Sente seu coração disparar e o gosto da bile na garganta.

– O senhor não acredita, não é mesmo? – Pergunta o pescador de forma humilde, pressionando seu chapéu contra o peito.

O investigador se vira e o encara. Não parece disposto a responder, mas faz um esforço.

– Não senhor e não vejo problema algum nisso...

– Pois deveria. Ali há um mau. – Agora a voz do homem parece a de um fanático religioso da pior espécie. – Esse mal castiga todos os que enfrentam ele. O senhor deveria ter mais respeito!

O investigador o encara com semblante sério e dispara.

– O único mau em que acredito é o causado pelo homem. O resto é resto. Já vi coisas que faria qualquer pessoa se sentir enojada da humanidade e não foi nenhum mal imaginário ou espécie de maldição que causou aquilo. Foi um homem de carne e ossos que está apodrecendo em uma cadeia. – Ele para e ajeita os óculos escuros, transmutando o semblante de fúria em um sorriso sarcástico. – Tenha um bom fim de tarde.

O investigador se volta para o veículo, mas ainda consegue, ao fundo, ouvir a voz do pescador lhe advertindo.

– Não desafie o mau.

A ambulância ainda havia chegado a algum tempo, então ele decide apenas olhar algumas fotos. O sol da manhã estava começando a ficar forte e o cheiro que vinha deles era insuportável. Com muito esforço, consegue conter o vômito.

Começa a passar lentamente as fotos. A perícia fez um ótimo trabalho. A cena é dantesca. Os três, que aparentam ter no máximo 10 anos de idade, estão postos em uma espécie de triângulo, onde um está com a cabeça encostada no pé do outro. O primeiro tem

palavras e símbolos ininteligíveis repetidas uma centena de vezes pelo corpo, talhado com o que parece ser um estilete ou uma faca muitíssimo afiada. Os cortes são profundos e poucos não sangram. Nem seu órgão genital saiu ileso. As letras são bem pequenas e cuidadosamente feitas. O segundo tem as mesmas palavras e símbolos pelo corpo inteiro, mas em alto relevo. Seu corpo está praticamente desfigurado, com inchaços e pústulas visíveis. Há muito pus escorrendo por todos os lados. O terceiro chocou ainda mais o investigador. Palavras e símbolos foram talhados a ferro em brasa pelo corpo do garoto. Ramirez sabia disso porque seu pai possui um aras e ele já presenciou, centenas de vezes, seu velho marcando os cavalos à ferro quente. O pobre garoto está marcado desde a sola de seus pés, genitália e nádegas, até a testa e o alto da cabeça raspada. Há fezes e urina por todo o barco, mas nenhum sinal de terra ou lama.

– Santo Deus...

Os médicos se aproximam e interrompem o transe do investigador, que se afasta. Eles fecham a porta da ambulância e eles partem para o hospital.

Ramirez, com todos os seus anos de experiência, jamais havia visto algo parecido. Olha para trás e vê o pobre pescador. O primeiro suspeito? Improvável. Aquele homem jamais poderia ter feito algo assim. Não sozinho. Será que ele poderia ser capaz disso? Não credi-

tava nessa hipótese. Todo mal que conheceu no mundo tinha algum nome e endereço. Esse não poderia ser diferente. Ou poderia?

2

Ramirez chega ao hospital onde os garotos estão internados. Mostra seu distintivo para a recepcionista, que apenas observa o investigador de andar arrastado e lento. Ele não está em forma a muito tempo e sua barriga não declara o contrário disso. Pega o elevador e vai para os quartos privados do Hospital Jesus Nazareno. Os garotos estão na UTI a 3 dias.

O delegado mandou iniciar uma busca no rio para achar o quarto garoto que estava junto deles, segundo relato dos pais. A ilha estava incluída nas buscas pois, segundo o relato do pescador, o barco pode ter vindo de lá. Até o momento, as equipes não encontraram nenhum vestígio do adolescente no rio. O dono da ilha estava indiferente diante das visitas indesejadas. Acostumara-se a ficar sozinho por longos períodos, apesar de turistas serem bem-vindos. O problema foi quando a polícia proibiu a visita de turistas, por conta de incidentes com os moradores do entorno. Hoje, apenas aventureiros aparecem por lá.

O andar em que os garotos ficarão está fechado e vigiado pela polícia. Ramirez foi lá justamente porque eles sairão do tratamento intensivo e irão para os quartos. Ele chega ao andar e observa o delegado José, sentado em um banco, com o olhar perdido, como se não

estivesse realmente ali Perto dele estão 4 policiais que fazem a segurança do andar. Ele vê Ramirez se aproximar.

– Ramirez! Queria mesmo falar com você! – José olha para os outros policiais. – Vocês podem nos dar licença? – Eles atendem prontamente. – Sente-se aqui! – bate no espaço ao seu lado, convidando Ramirez.

– O que deseja, José? – Pergunta de forma ríspida.

– Sempre de bom humor. – Ironiza o delegado, que é quase 10 anos mais novo do que Ramirez. – Primeiro quero elogiar seu relatório. O depoimento do pescador foi muito importante, mas as equipes de busca ainda não acharam o garoto. – José pega um envelope e retira uma fotografia. – Esse aqui é Benício Valdez. Segundo seus pais, ele estava com os outros no dia em que sumiram. Disseram que iam passar o dia brincando, mas passaram a madrugada inteira fora. No dia seguinte, foram achados pelo nosso amigo pescador. Falando nele, você acha que ele tem algo a ver com isso?

Ramirez arregala os olhos ao ver a foto, mas não comenta nada com o delegado José. Seu pensamento pode estar errado.

– No auge dos meus 48 anos, já vi muita coisa. Homicídios duplos, triplos e chacinas horríveis. Mas não creio que ele tenha algo a ver com isso. Ele é apenas um pescador que encontrou alguns garo-

tos e o que passar disso é história. A pessoa errada, no lugar errado e no momento errado.

– Como pode ter tanta certeza?

– Intuição... – Ramirez retira um cigarro do bolso da camisa, o coloca na boca e se prepara para acendê-lo, quando se lembra que está em um hospital. Ele recolhe cigarro e o guarda novamente.

– Intuição? Ramirez, antes você me trazia provas, agora você me traz intuição? Isso não serve!

– Pensa comigo José: Porque um pescador, pai de 6 filhos, paupérrimo, iria tentar matar 4 garotos, conseguindo a façanha apenas com um, manter os outros três vivos e chamar a polícia? Alguém com essa quantidade de filhos está mais preocupada em colocar comida na mesa do que fazendo qualquer outra merda. Mesmo assim, eles o reconheceriam. É com isso que contamos. Por isso não iniciei as investigações. – Ramirez olha para o quarto vazio. – Eles são peças-chaves e eu não preciso gastar energia com nenhuma outra frente. Entendeu? – Ramirez se esforça para expor um sorriso sincero, mas apenas um sorriso sarcástico sai sob seu espesso bigode.

– O que você diz tem algum sentido. Mas quem faria algo assim? Maurício?

– Maurício tem histórico de agressão a invasores da ilha, mas nada parecido com tortura e marcações em peles. Talvez estejamos

diante de alguém novo, talvez não. Aliás, ele está muito velho para isso, apesar de que ele tem a mesma aparência desde que eu era um garoto, tirando poucos cabelos brancos. Alguns sacanas têm sorte.

Ramirez pega o maço de cigarro novamente e o coloca no bolso logo em seguida. O delegado o observa pensativo, até que levanta um assunto que considera relevante.

– Você sabe o que falam daquele lugar, principalmente da ilha, não?

Ramirez revira os olhos.

– Até você? Todas as pessoas que vem falar comigo, falam dessa credence estúpida. A maior maldição que existe é a maldade humana! Para isso que estamos aqui. Esse distintivo que você carrega é para punir canalhas, não para acreditar em babaquices.

– Eu sei Ramirez, mas não podemos ignorar a crença das pessoas. – José tem uma paciência enorme com Ramirez. – Coisas estranhas aconteceram lá inúmeras vezes e não tivemos como resolvê-las! Isso deve ser observado também.

– Não podemos pautar nossa forma de agir pelas crenças dessas pessoas.

– Não estou dizendo para pautar nada. Apenas disse que isso deve ser levado e considerado.

– Lembrarei de falar isso para o pai do Benício, quando encontrarmos seu corpo mutilado.

O tom ácido do comentário de Ramirez incomoda o delegado, que se reserva em silêncio. Sabia que aquela era uma discussão inútil.

O elevador apita, chamando a atenção dos policiais que faziam a segurança do andar. Dele saem três macas. Os garotos haviam sido finalmente liberados do tratamento intensivo.

Os policiais aguardam as enfermeiras colocarem os pacientes em seus leitos para que possam entrar. Foram arrumados, de forma improvisada, três leitos no mesmo ambiente, para evitar a dispersão dos policiais que os vigiam. Os pais estão ao lado de seus filhos e mal se olham.

Ramirez observa que os garotos estão com as pupilas dilatadas e imóveis, olhando para o teto, com a respiração lenta e compassada. Ele se aproxima de um dos pais.

– Eles estão sedados?

– Sim. – Responde em tom choroso o pai de Joaquim, o menino que foi talhado com faca. – Segundo os médicos, os meninos estão em estado de choque e sentem muitas dores. Eles se mexem, respondem a estímulos, mas passam a maior parte do tempo assim, olhando para o nada. De madrugada, eles acordam chorando e uri-

nados. – O homem começa a chorar. – É muito difícil vê-los assim. Vocês precisam achar o culpado dessa atrocidade.

Ramirez observa as lágrimas do pai e se contém. Tenta não se envolver muito com a situação. Tarefa quase impossível.

– Precisamos deles para que isso possa ser possível. Eles sobreviveram a algo terrível e sabem quem é o culpado. Colher seus depoimentos é crucial. – Só ouve silêncio e olhares acusatórios.

Ramirez olha à sua volta e entende. Por mais que precisem dele, não é bem-vindo ali. José entra pelo quarto e chama o investigador.

– Ramirez, preciso que vá até a delegacia. O pai de Benício está lá gritando e se exaltando. Foi detido e colocado em uma cela sozinho, mas mesmo assim não parou. Preciso que vá até lá e o acalme.

– Eu?

– Você está nesse caso! Faça isso!

Ramirez olha novamente para o quarto e observa os garotos em estado catatônico.

– E quanto a eles? – Aponta para o quarto.

– Não sairão daí tão cedo. – Responde José. – Segundo as enfermeiras, eles estão em uma espécie de estado comatoso. Amanhã

estarão sob efeito de analgésicos menos potentes e talvez estejam melhores. Você pode voltar e pegar os depoimentos.

Ramirez respira fundo e se contém, diante da cautela do delegado.

– Sim senhor.

Ele segue para o elevador, que estava no térreo e aperta rapidamente o botão e aguarda. Observa os números subirem.

7

2

3

Dispara um bocejo. Seus olhos se enchem de lágrimas. Aquilo tudo o esgotara. Não dormia direito desde que viu os garotos deitados no barco, ou seja, três dias. A cena não lhe sai da cabeça.

4

5

6

Ramirez encosta na parede oposta ao elevador. Estava no 14º andar. Ainda havia de esperar um pouco. Continua observando os números.

6

O elevador parou no 6º andar e não sai dele por alguns segundos. O investigador olha no relógio. São 10:47 da manhã. Finalmente o elevador se move.

6

7

6

8

6

9

10

Ramirez olha intrigado. Sente calafrios e passa as mãos nos olhos. Não acredita muito no que acabou de ver.

11

12

13

14

Pode ser cansaço. O elevador finalmente chega. Ramirez entra no elevador e aperta o térreo. A porta se fecha.

No quarto, os meninos começam a chorar novamente. As lágrimas escorrem pelo rosto, passando pelas marcas e tocam o lençol. Joaquim, o mais velho deles, fecha os olhos e vê. Ele a vê. Rindo para ele, zombando do que estava fazendo em sua pele, enquanto cente-

nas delas, muitas sem membros, sujas e maltratadas, os observavam e riam. As marcas iam sendo feitas lentamente e a carne era cortada enquanto ela cantarolava uma música blasfema e elas riam e conversavam alegremente em uma língua que ele jamais ouvira.

– Joaquim, o que foi?

Ele abre seus olhos vermelhos e sua mãe o abraça forte.

amazonkindle



www.escribas.com.br

**“Existem castigos
piores do que a
morte”**

PRÉ-VENDA

24/10

**LANÇAMENTO MUNDIAL PELA AMAZON
SOMENTE DIGITAL**